

O DIA ANTES DO AMANHÃ

Welliton Martins Bindandi¹

Algo estranho aconteceu. Encontrava-me numa cama deitado, em um quarto que nunca estivera antes, as paredes, a cama e todo ele era de cor branca. O único móvel que havia era uma cama, uma mesa e uma cadeira. Eu estava usando uma veste branca, que não sei ao certo como era, só sei que era branca, tão branca, tão límpida que ardia os olhos quando os raios do sol batiam e entrava por uma pequena janela que ficava no alto da parede.

Levantei-me lentamente, tive a sensação que estava flutuando no ar, não sentia nada: nem cheiro, nem as coisas ao pegar; minha sensibilidade no tato não existia: nem frio, nem calor; estava estranho. Minha voz não saía, apenas escorria lágrimas pelo meu rosto, não falava, não dava conta. Tentei procurar a porta naqueles seis metros quadrado, mais ou menos, que por certo parecia em vão. Não tinha porta, só apenas aquela pequena janela no alto da parede, mas não conseguia alcançá-la, era alto, só dava para ver o azul do céu.

Logo tive a certeza que não tinha uma saída, queria gritar, mas a voz não saía, sentia nada, tudo não passava de uma dormência, nem mesmo meu coração sentia bater, mas estava ali, vivo.

Num momento de devaneio e desespero começo a me jogar pelas paredes, batendo agoniado, dando murros à procura de uma saída. Mas tudo em vão, não ouvia nada, apenas os golpes incessantes que dera pelas paredes.

Cansado, sem força, caído no chão branco, que estava se manchado de sangue por causa dos golpes que dera nas paredes em busca de libertar-me, mas ninguém me ouvia, tudo que eu fizera foi em vão, apenas me deixou mais fraco e debilitado.

Não sentia os ferimentos, estava tudo dormente, o que sentia era uma fraqueza na alma, o desespero, a agonia me tomava em solução caído naquele chão, não sei se frio ou quente, não dava para sentir, só sentia o que estava rasgando na alma, mas o corpo físico nada sentia. E como doía, preferia sentir meu corpo físico em profunda tortura do que toda aquela agonia que me tomava em desespero me sufocando.

As horas foram passando, não sabia o que fazer, por mais que esforçava para recordar o que havia acontecido no dia anterior, era tudo muito vago.

Lembrei-me que estava no meu quarto, como qualquer outro dia comum que fazia antes de dormir. Apagava a luz e ia para cama, e na noite anterior não tinha sido diferente, deitei-me tranquilo como sempre, mas ao acordar tive essa grande surpresa.

Por mais que eu tentava achar um motivo de estar naquele lugar, não encontrava, não fazia sentido, não tinha como alguém ter me tirado do quarto sem que eu percebesse. Cheguei até pensar que estivesse sonhando, mas parecia tudo muito real.

¹ Licenciado em Letras e mestrando em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT.

Naqueles pensamentos confusos, levantei-me, tentei alcançar a janela. Era bem alta, mesmo com a cadeira em cima da mesa não conseguia alcançá-la. Caminhei de volta para cama, deitei sobre o lençol branco que logo se encontrava com manchas de sangue dos ferimentos das minhas mãos, dos murros que dera na parede. Procurei fechar os olhos para tentar dormir, talvez acordasse no lugar certo.

Por mais que esforçasse, não conseguia dormir. Como queria dormir, esquecer que estava naquele lugar sombrio, mesmo sendo todo branco tinha aspecto negro e escuro.

Naquela fuga do real ou irreal, sinto vontade de abrir os olhos. Não sabia ao certo quanto tempo ficara deitado naquela cama, mas estava com medo de abrir os olhos e ver que tudo aquilo estivesse realmente acontecendo. Não sei, mas de alguma forma queria fugir daquele lugar, mesmo que em pensamento. Depois desses pensamentos, resolvi ficar com olhos fechados, queria realmente sair dali.

Não me contive, depois de alguns minutos começo a abrir os olhos devagar. Estava tudo escuro, o sol que entrava pela janela no alto da parede tinha se ido, e no lugar havia porções de estrelas que brilhavam. Tentei levantar, mas senti meu corpo pesado, mãos trêmulas, e não mais como antes, estava sentindo dor, uma dor de cabeça terrível. Não sei se fiquei alegre, de certa forma achei estranho não ter sentido nada antes, mas agora pela primeira vez estava sentindo uma parte de mim viva, mesmo que aquela sensação fosse de dor.

Passo as mãos no meu rosto começo sentir minha pele, a barba. Levanto-me, sinto meio tonto, as coisas giram dentro daquele quarto que no momento se encontrava em trevas, não tive medo, só pensava em achar uma saída, e acabar com aquele pesadelo de vez.

Sentia falta de conversar com alguém, de ver um rosto, ouvir uma voz falando que estava tudo bem. Queria alguém ali comigo, estava solitário. Logo eu que sempre fui independente, nunca me importei se as pessoas gostavam de mim ou não, tinha meu foco. Odiava quando as pessoas vinham-me dizer que estavam do meu lado, que era meu amigo; nunca me importei com isso, mas agora queria um amigo, estava sentindo falta daquelas palavras de apoio, de carinho, dos abraços calorosos que recebia no meu aniversário. E agora, cadê eles?

Nunca tive oportunidade de falar que os amavam, e que eram especiais na minha vida, e que faziam a diferença; mas não, nunca falei, pelo contrário, sempre me mostrei uma pessoa insensível, que pouco me importava com tudo aquilo, mas que no fundo não era a verdade.

Não sei por que essas coisas vinham no meu pensamento, estava preso, não tinha como sair, nem mesmo sabia como fui parar naquele lugar. Era muita coisa na cabeça. Estava ficando louco!? Não sabia o que fazer, queria gritar e não conseguia.

Caminho até o canto da parede e começo a chorar. Naquele desespero ouço uma voz, era a da minha mãe. Não sabia ao certo o que ela estava dizendo, mas podia sentir o tom de sua voz, era minha mãe, e percebi que também chorava.

Bati desesperado na parede, tentei gritar e minha voz não saía, apenas um resmungo. Até que a voz de minha mãe foi se afastando. Joguei-me no chão chorando e rasgando minhas vestes naquele desespero, e tudo em vão. Comecei a pensar que estivesse louco, ouvindo vozes, barulhos, ninguém estava ali, exceto eu.

Na minha contagem estaria fazendo mais de 24 horas que estava naquele lugar, pude perceber porque tinha acordado no quarto branco, e era noite, e podia ver os primeiros raios de sol pela pequena janela no alto.

Logo o quarto ficou todo claro. Eu estava deitado no chão com o rosto colado no piso branco, quando olho ao lado vejo de baixo da cama, um papel. Arrasto-me até ele e pego. Uma das laudas estava em branco, e a outra estava escrito: “Apenas existo quando olho para dentro de mim. O mundo é feito de memórias. O mundo existe porque eu o crio em pensamento, e sou feliz porque tenho essa capacidade”.

Logo penso, “que merda de papel, que não diz coisa com coisa”. Esperava algo diferente, aquelas palavras eram sem sentido naquele momento. Eu queria algo concreto, algo que pudesse realmente me ajudar a sair daquele lugar, ou me dizer o porquê de estar ali.

Mais uma vez a noite chega, e lá estão novamente as estrelas. Fico olhando fixamente para elas, tenho a sensação de alguém estar passando a mão no meu cabelo, no meu rosto. Gosto da sensação. Lembrei-me de quando criança, minha mãe me protegia, e quando ia dormir ficava passando a mão no meu cabelo até adormecer.

Logo me desperto daquele quadro e fico mais convencido de estar louco. Não sei exatamente como fiquei daquele jeito, pensando.

Estava deitado naquele chão, e mais uma vez não conseguia me mexer, estava tudo dormente, não sentia nada. Não conseguia mexer a boca, nem mesmo piscar os olhos. Estava com os olhos abertos fixado num só ponto e não conseguia mexe-los.

Dentro do corpo minha alma estava sufocada, gritando, contorcendo-se de agonia, lutava para fazer com que o corpo a obedecesse, que por certo, sem respostas.

Por dentro a luta travada: a alma e o corpo. A alma se contorcia para se libertar, queria sair daquele quadro, daquele lugar de insanidade, sem esperança.

Meu corpo estirado no chão não respondia o comando da minha mente, minha alma agonizando, desesperada, queria se libertar, gritar, mas meus olhos nem se mexiam, apenas escorriam lágrimas que percorriam minha pele até chegar ao chão.

A alma estava inchando e agonizando, não podia ficar ali por muito tempo, já estava apertado demais, não teria como, não conseguia respirar. Meus olhos estavam ali fixados naquela janelinha que podia ver a luz, mas estava escurecendo, meus olhos estavam abertos, mas estava escurecendo, e aos poucos escureceu tudo.